

UM ESTANDARTE À DONA MARIA AMARO: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS EM SAMBA, DESENHOS E NARRATIVAS DE CRIANÇAS NA ESCOLA

JOSIANE CRISTINA FARIAS DIAS¹; EVERTON MACIEL²; HUMBERTO SCHUMACHER³; RITA MEDEIROS⁴; RAQUEL SILVEIRA RITA DIAS⁵

¹EMEF Nossa Senhora do Carmo – josifariasd@gmail.com

²UFPEL Centro de Artes – evertonmaciel365@gmail.com

³UFPEL Centro de Artes – humbertgamajunior2009@gmail.com

⁴UFPEL Faculdade de Educação – redefreinet@gmail.com

⁵UFPEL Pró Reitoria de Extensão e Cultura – rakssilveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que é uma epistemologia negra? Por que ela se faz tão necessária? O território é preto. Os corpos que se deixam permear por esse território, também escorrem uma espremida couraça preta. Estamos na Vila Castilhos, lugar de batuques e tambores da afrodiáspora. Falamos de um terreiro incrustado há mais de cinquenta anos na história da Vila, debruçado no colo de duas mulheres, D. Maria da Conceição Pereira Amaro e sua filha Telinha, duas mulheres abnegadas aos cultos umbandistas. Falemos de um samba, nascido na dor da perda, que se fez luz e ludicidade, nas mãos de um violonista, um percussionista e uma aventureira de palavras. Narremos sobre crianças e professora, numa possibilidade heróica e exulíaca de fazer sorrisos a partir de uma reportagem de jornal.

Essas três estradas vão se cruzar no tempo espiralar de Leda Martins (2021), para nos dizer dos encontros com a história de uma mulher negra, de grande importância e que irá produzir uma espécie de encantamento transformador das ações educativas num terreiro, num samba e num currículo escolar. Tratemos de fazer um ajeum com Abdias Nascimento (1980), e Beatriz Nascimento (1980; 1985), para falarmos de quilombismo, de rupturas epistemológicas nas narrativas sobre pretos e pretas deste país, de urbanidades destituídas de vida longa e digna, da necessidade de nos constituirmos quilombos, onde estivermos. Estamos aqui para contar dessas encruzilhadas encantadas, que vão produzir em nós, esperanças, cumplicidade, companheirismo, mas sobretudo, respeito às mulheres de terreiro, invisibilizadas, temidas e confrontadas pela branquitude com a sua grande dificuldade em reparar a dívida histórica, que o racismo tem com estes lugares e com as pessoas que constroem esses mundos paralelos de sobrevivência.

2. METODOLOGIA

A metodologia é a própria vida. Não sabemos exatamente o que começou primeiro, quem abriu caminhos, quem bordou tecidos com a música, a dança. A metodologia é aquela educação antirracista, tão bem costurada por Azoilda Trindade (2005) e Nilma Lima Gomes (2002; 2019), na trilha de Petronilha Gonçalves (1998) naquela incansável busca por uma educação libertadora preta. Mas é também uma giramapa (ALVES, 2022) de olhares, de encontros possíveis e dadivosos, desses que não se mede esforços para reunir e tornar viva a esperança. Os encontros caprichados com a escola, o terreiro e o samba construíram outros sentidos ao currículo escolar. Mas construíram outros sentidos para o terreiro e para o samba também. Desta maneira corpos-sujeitos infantis pretos e de terreiro reconheceram e

se reconheceram numa narrativa de pertencimento epistemológico. Da música ao tambor, do texto do jornal ao estandarte, da história aos desenhos, tudo constitui e reconstitui narrativa. Temos aí a nossa metodologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola é pública, mas leva o nome de uma santa católica, tipicamente uma ação comum da colonialidade. Está localizada numa vila periférica, bem junto ao centro da cidade, porém de poucas políticas públicas do município ao alcance de seus moradores, em sua maioria, pessoas pobres de pele preta ou parda, muitas crianças e mulheres. Um território abjeto e ceifado de seus direitos é o que vemos, hoje, ali. outrora um berço batuqueiro da cidade, permeado pela religiosidade afrodescendente e pelo carnaval, teve marcado na sua história referências e lideranças. Hoje, uma mulher professora chega à comunidade escolar e se coloca como conexão, água que deságua na secura da crueldade das relações intrínsecas ao cotidiano escolar que é tributo da colonialidade e da indiferença à população afro-ameríndia... dividindo mundos, hierarquizando conhecimentos, filtrando bendizeres.

Num espaço que já foi uma pequena capela, mas que se encontrava fechado, a professora reinaugura uma vivência que é duas vezes uma ruptura; em relação à entrada da temática afroumbandista no conteúdo escolar e a outra é a ocupação do espaço físico negligenciado até então como passível de uso pelas crianças. Reviveram... vivenciando pela primeira vez o Projeto "Mãe Maria da Castilho", ouviram, aprenderam, cantaram, dançaram e desenharam as cenas que o estudo lhes proporcionou. Um terreiro fez morada no coração da escola.

O contato com a reportagem junto às falas dos alunos, que entre uma atividade e outra já relatavam a importância do terreiro em suas vidas e, da figura da Mãe Maria como mulher negra potente, de referência na comunidade deixaram materializado o quanto essa temática exigia maior atenção e destaque em nosso currículo escolar. Ouvir as memórias das famílias, centralizar uma figura tão importante, contar a história a partir de outro viés, colocar a religião predominante da turma como algo que além de sagrado evidencia saberes e fazeres que precisam ser valorizados, respeitados e preservados. O conhecimento se deu a partir da coletividade, da ancestralidade, da musicalidade, da corporeidade e do afeto. O canto e os relatos sempre foram emocionados. As crianças deram ritmo ao projeto. Encurtamos o caminho entre a terreira e a escola. Através do livro da Kiusam de Oliveira e do ponto que introduz o samba, os alunos foram esboçando a Orixá Oxum que representada por traços tão lindos esteve conosco em todo o momento.

A presença dos compositores e da Telinha na escola acelerou o coração dos alunos que também se perceberam como figuras importantes neste contexto. As crianças diziam no planejamento “tem que ter comida, é dia de festa” os quindins de Oxum adoçaram o nosso evento. Também destacavam a importância da dança e trouxeram tambores e seus passos ritmados. Tinha a ansiedade de estrear e a emoção de tornar possível a homenagem à Mãe Maria na presença da filha biológica, cacica do terreiro que eles tão bem conhecem ou fazem parte.

Suas produções e registros do processo estavam sendo admiradas e valorizadas por cada olhar ali presente conforme relata Priscila Lampazzi (2023, n.p):

Os desenhos espalhados pelas paredes falam por si e o entendimento perceptível no texto coletivo lido se articulam com a música e a dança. Corpos negros são a maioria presente. Um esquecimento plantado pelo currículo escolar que vai sendo, aos poucos, reconhecido pela

comunidade e agora visibilizado. Uma atrevivência construída e edificada pelo engajamento comunitário.

Figura 1: Aluna com a reportagem do jornal.



Figura 02: Estudantes acompanhados do músico Humberto Schumacher durante apresentação.



4. CONCLUSÕES

A ousadia e a envergadura pedagógica da professora fez uma travessia: fez de uma notícia de jornal, sobre um samba-homenagem, um caminho de desvio curricular da colonialidade. Os desenhos decorrentes do estudo proposto falam por si e o entendimento perceptível no texto coletivo se articulam com a música e a dança. O samba é filho da dor, mas é ele, neste caso, quem outorga à professora, a reportagem do jornal, fazendo com que ela conheça a história de D. Maria Amaro. Essa envergadura pedagógica trouxe a aproximação entre leituras, desenhos, danças e foi atravessando as ruas do bairro para, numa encruza diagonal, traçar um diálogo entre o terreiro e a escola, e, desta feita, o terreiro e o samba. As crianças já pertenciam ao terreiro, seja como adeptos da corrente ou como acolhidos nas sessões de atendimentos, mas nunca haviam se debruçado sobre um estudo em que uma mulher negra, de sua Vila, fosse tomada como centralidade e como conteúdo escolar. Por outro lado, as escolas não costumam ensinar músicas populares em educação musical, mas neste caso, o samba ocupou um lugar de destaque na aprendizagem. Ainda podemos dizer que o terreiro estar entrelaçado com a escola, em tempos de intolerância religiosa, é um grande passo, também.

O samba é uma matriz afrodiáspórica, construída no pós-abolição, um exemplo de resistência do povo preto e uma afirmação racial e de classe indiscutível. A criação de instrumentos musicais e de rodas de samba são histórias protagonizadas pelo povo preto, desde o início do século passado, assim como o

terreiro que é um lugar de pertencimento e resistência de matriz afrodiáspórica. (NEI LOPES, 1989). Observemos que a escola é um lugar ultraconservador, portanto, corroer as entranhas conservadoras da escola é muito difícil, mas descompassá-las pode nos trazer alento. Quando o samba e o terreiro viram protagonistas escolares, é porque a reviravolta dá sinais de resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. C. T. AZEVEDO, G. G.; SANT'ANNA JÚNIOR, A. Gira-mapa com corpos-sujeitos-infantis de terreiro:pistas e encruzadas metodológicas. In: ALVES, M. C.; MEDEIROS, R.(Org.) **Culturas infantis de Terreiro:** agenciando memórias, histórias e narrativas. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022. Cap.12, p. 107 – 131.

DIAS, A. C. **Samba Homenageia a Mãe Maria da Castilho.** Diário Popular, Pelotas, 5 de maio de 2023. Disponível em:
https://diariopopular.com.br/cultura_e_entretenimento/samba_homenageia_a_mae_maria_da_castilho.502656

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? . **Revista Brasileira de Educação**, nº 21, Set/Out/Nov/Dez., 2002.

..... **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3^a ed.rev.amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LAMPazzi, P. **O QUE OS TERREIROS PODEM NOS ENSINAR? Um sirê entre a outridade e a educação libertadora.** PósCult. UFBA. não publicado

OLIVEIRA, K. de. **Omo - Obá Histórias das Princesas.** Belo Horizonte:Mazza Edições,2009

TRINDADE, A. L. e SANTOS, R.I (org.). **Multiculturalismo – mil e uma faces da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

..... **Racismo no Cotidiano Escolar.** Rio de Janeiro: FGV/IESAE, 1994. Dissertação de Mestrado em Educação.

MARTINS, L. M. **Performances da Oralitura:** corpo, lugar da memória, Letras, Belo Horizonte, 2003, (26), 63-81.

NASCIMENTO. Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro:** processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **O Conceito de Quilombo e a Resistência Cultural Negra.** In: Afrodiáspora, n. 6-7, p. 41-49, 1985

SILVA, Petronilha. “Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas”: Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 45, p. 7-23, jul. 1998.